

A integração da educação antirracista com o ensino de evolução biológica

The integration of antiracist education with the biological evolution teaching

W. R. Santos^{1*}

¹*Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 13083-970, Campinas-SP, Brasil*

**william_rossani@hotmail.com*

(Recebido em outubro de 2020; aceito em janeiro de 2021)

O artigo apresenta resultados de um projeto de intervenção pedagógica realizado com uma turma de 1º ano do ensino fundamental, de uma escola municipal localizada na cidade de São Carlos/SP, em contexto de estágio docente. O tema do projeto buscou articular o tratamento das questões étnicas e raciais a partir de duas matrizes: a Cultura dos diversos grupos humanos marginalizados, principalmente os afrodescendentes, afro-brasileiros e indígenas; e a Biologia, a partir da perspectiva da evolução biológica e da genética. Essas duas matrizes foram fragmentadas em seis grandes eixos: I - Descendência Comum e Espécies; II – Herança Genética; III – Cultura Africana e Afro-brasileira; IV – Cultura Indígena; V – Diversidade Humana; e VI – Identidades e Alteridades. Cada um desses eixos foi trabalhado em um período de duas a três horas cada, com diferentes recursos didáticos e estratégias metodológicas, entre elas a apresentação de vídeos, slides, contação de história e roda de conversa. O objetivo principal do projeto foi o de discutir aspectos referentes ao conceito de raça e as diferenças culturais e fenotípicas manifestadas por diferentes grupos humanos, de forma a estabelecer uma distinção entre a compreensão racial nos âmbitos biológicos e sociológicos voltados para a construção de uma noção de igualdade na diferença. Os resultados indicam que os estudantes têm noção de suas diferenças e da particularidade de cada uma delas, além de estarem bastante dispostos a seguirem princípios de respeito às diferenças. Outrossim, em termos conceituais pudemos constatar que a transposição didática de áreas de conhecimentos complexas, geralmente incorporadas nos últimos anos da educação básica, tais como a Biologia Evolutiva, Genética e Paleoantropologia, se trabalhadas sob um viés transdisciplinar e transversal, podem contribuir para a compreensão de importantes questões raciais já nos primeiros anos do ensino fundamental.

Palavras-chave: Educação das relações étnicas e raciais, Evolução Biológica, Projeto de Intervenção Pedagógica.

The article presents results of a pedagogical intervention project carried out with a class of 1st year of elementary school, from a municipal school located in the city of São Carlos/SP, in the context of an teaching internship. The project's theme sought to articulate the treatment of ethnic and racial issues based on two matrices: the Culture of diverse marginalized human groups, mainly Afro-descendants, Afro-Brazilians and Indigenous; and Biology, from the perspective of biological evolution and genetics. These two matrices were divided into six major axes: I - Common Descent and Species; II - Genetic Inheritance; III - African and Afro-Brazilian Culture; IV - Indigenous Culture; V - Human Diversity; and VI - Identities and Alterities. Each of these axes was worked over a period of two to three hours, with different teaching resources and methodological strategies, including the presentation of videos, slides, storytelling and conversation. The main objective of the project was to discuss aspects related to the concept of race besides the cultural and phenotypic differences manifested by different human groups, in order to establish a distinction between racial understanding in the biological and sociological spheres aimed at building a notion of equality in difference. The results indicate that students are aware of their differences and the particularity of each one, besides being quite willing to follow principles of respect for differences. Furthermore, in conceptual terms we could see that the didactic transposition of complex areas of knowledge, generally incorporated in the last years of basic education, such as Evolutionary Biology, Genetics and Paleoanthropology, if worked under a transdisciplinary and transversal bias, can contribute to the understanding important racial issues in the early years of elementary school.”

Keywords: Education of ethnic and racial relations, Biological Evolution, Pedagogical Intervention Project.

1. INTRODUÇÃO

A educação das relações étnicas e raciais é um eixo central na educação básica que visa, tanto assegurar o debate sobre os conflitos inerentes às questões do racismo historicamente estabelecido, como garantir o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, atualmente considerado obrigatório por diferentes dispositivos legais, tais como a Lei 10639/2003 que atualmente vigora nos artigos 26 e 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

Ao se trabalhar com tais questões é inevitável as discussões a respeito do conceito de raça que atravessa o processo de exclusão e discriminação no interior das relações sociais, pois as tensas relações que produzem o racismo estão vinculadas com processos de invisibilização, segregação, violência e apagamento da memória de determinados povos e culturas, culturalmente hostilizados e menosprezados por um falso universalismo e status de superioridade da cultura ocidental e da identidade caucasiana.

Salientamos, desde já, que o conceito social de raça, antes de ser comparado com a noção eugênico-biológica cunhada no decorrer do século XVIII, deve ser entendido como uma “construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros” (BRASIL, 2013, p.500), que nada tem a ver com o primeiro em sentido estrito — ainda que ambos os conceitos tenham correlação por serem pensados a partir do marcador dos caracteres fenotípicos. Essa diferença é importante de ser feita tendo em vista que o uso deturpado de tal conceito culminou em processos de segregação, exclusão e extermínio de diferentes grupos humanos na História e ainda hoje é a causa de muitos equívocos, por ser utilizado como sinônimo de espécie biológica, no caso humano.

Neste sentido, ensinar a divergência entre as interpretações sociais e biológicas do conceito de raça é crucial para desfazer a visão discriminatória acerca da existência de humanos inferiores; para enfatizar os valores em torno dos debates étnicos e raciais e os efeitos do racismo estrutural na sociedade; bem como para renovar a necessidade de valorização, no contexto da educação formal, das diferentes culturas e identidades marginalizadas de determinados povos e grupos sociais.

Pautados nesta problemática, o presente trabalho apresenta a execução de um projeto de intervenção pedagógica desenvolvido em contexto de estágio docente com uma turma de primeiro ano do ensino fundamental com o objetivo de se trabalhar as questões étnicas e raciais a partir da perspectiva biológica e cultural, principalmente, tendo como eixo central o ensino de evolução biológica, tão escasso no currículo dos primeiros anos do ensino fundamental.

2. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O projeto de intervenção pedagógica foi executado em uma sala de primeiro ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal na cidade de São Carlos/SP, com uma turma de 24 estudantes. Sua estrutura contou com seis eixos, intitulados de acordo com a sua temática central. Em cada eixo procuramos articular diferentes conhecimentos de forma transversal utilizando a literatura infanto-juvenil vinculada aos conhecimentos instrumentais dos campos da Biologia Evolutiva, Paleoantropologia, História, Geografia, Língua Portuguesa e Arte.

O primeiro eixo, *Descendência Comum e Espécies*, contou com a apresentação de dois vídeos sobre a evolução das espécies, seguida da leitura de um pequeno texto sobre a evolução da espécie humana acompanhada de uma série de slides para a representação da

narrativa. Após a leitura, foi discutido o conceito de espécie de forma a diferenciá-lo da concepção de raça biológica, articulando tais ideias com a representação imagética da rede rizomática que compõe a descendência comum de todos os seres vivos.

Esse primeiro diálogo foi essencial para relacionar o desenvolvimento evolutivo da espécie humana com os táxons de seus ancestrais comuns (Australopithecíneos e Hominídeos). Para a consolidação desses conhecimentos, foi realizada uma atividade com o objetivo de relacionar o conceito de tempo geológico com a irradiação adaptativa do gênero *homo* e os processos que culminaram em sua extinção. Igualmente foi dado enfoque às relações entre tempo, espaço geográfico e mudanças morfofisiológicas dos indivíduos humanos.

O segundo eixo, *Herança Genética*, dando continuidade ao anterior, buscou apresentar aspectos básicos da informação genética e dos caracteres fenotípicos responsáveis pela transmissão de características similares entre pais e filhos, incluindo o grau de melanina entre estes e os demais traços anatômicos. Para tal empreendimento, fizemos uso de slides e vídeos, seguido de um diálogo e a realização de uma atividade de autoimagem com o uso dos lápis de cor da linha “Caras & Cores”.

O terceiro eixo, *Cultura Africana*, buscou apresentar o conceito de Cultura e introduzir os diferentes costumes, hábitos, tradições e atividades artísticas dos diferentes povos africanos, bem como da população afro-brasileira residente no país. Essa exposição permitiu que os alunos identificassem as diferenças entre culturas conhecidas e culturas desconhecidas, além de dialogar sobre as diferenças entre os âmbitos biológico e cultural, segundo os conceitos das duas aulas anteriores (melanina, informação genética, irradiação adaptativa, e afins).

O quarto eixo *Cultura Indígena*, serviu com o mesmo propósito da aula precedente, com a apresentação da cultura de diferentes tribos indígenas e suas tradições. A exibição de variados aparatos artísticos e tecnológicos utilizados por muitos desses grupos também contribuiu para a discussão das diferentes ferramentas utilizadas entre distintas sociedades conforme o contexto e a condição pela qual são produzidas.

O quinto eixo, *Diversidade Humana*, teve caráter meramente avaliativo, centrado na identificação da compreensão de cada um dos estudantes e na prática escrita, circunscrita no processo de alfabetização.

Por fim, o sexto e último eixo, intitulado *Identidades e Alteridades*, visou contextualizar as etapas anteriores por meio de um aprofundamento da compreensão das questões propriamente biológicas (genotípicas e fenotípicas) e das questões especificamente culturais. Foram retomados os conteúdos trabalhados, com o auxílio de vídeos e músicas sobre a diversidade humana, finalizando com uma discussão acerca de valores éticos e a construção de um mural sobre a importância das posturas éticas frente às diferentes formas de existência no sentido de reforçar o princípio de igualdade de diferenças.

O tempo de execução de cada um dos eixos teve duração variada entre duas a três horas em cada uma das inserções. No quadro abaixo dispomos o cronograma com todas as atividades e recursos utilizados.

Quadro 1 – Cronograma dos 6 Eixos Transdisciplinares		
INSERÇÕES	ATIVIDADES	RECURSOS E TEMPO DE EXECUÇÃO
DESCENDÊNCIA COMUM E ESPÉCIES	1. Contação da história com apresentação de slide; 2. Discussão da história; 3. Apresentação de vídeos sobre a	História: Evolução Humana (autoral) Recurso: slide com imagens Vídeo: <i>Shapinghumanity: How Science, Art, andImagination Help</i>

	<p>evolução das espécies e sobre a evolução da espécie humana;</p> <p>4. Discussão sobre o conceito de espécie e apresentação da rede filogenética de descendência comum dos seres vivos.</p> <p>5. Atividade: trajetória evolutiva do gênero <i>Homo</i> ao longo do tempo geológico.</p>	<p><i>Us Understand Our Origins</i> (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ru8ifph_q9o).</p> <p><i>A Evolução do Homem - Animação Feita Pela Ape</i> (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cf-KPvKKINk&list=LLPLE4ik4z74zcXhKOnsqzIQ&index=5&t=0s).</p> <p>Tempo de execução: 3 horas</p>
HERANÇA GENÉTICA	<p>1. Contação da história;</p> <p>2. Discussão da história;</p> <p>3. Apresentação de vídeo sobre o microcosmos do corpo humano e introdução das informações contidas no código genético, responsáveis pelos caracteres hereditários;</p> <p>4. Discussão e apresentação de slides sobre caracteres hereditários, fenótipos, genótipos e miscigenação.</p> <p>5. Apresentação de música.</p> <p>6. Atividade de autoimagem com a linha de lápis de cor “Caras e Cores”</p>	<p>Livro: <i>Lápis Cor de Pele</i></p> <p>Slide com imagens</p> <p>Vídeo/ Música:</p> <p><i>Como é bom ser diferente</i> (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6JRabhhprks).</p> <p><i>Tudo bem Ser Diferente</i> (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rc7ZimpK7Ac).</p> <p><i>Normal é ser diferente</i> (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oueAfq_XJrg).</p> <p>Espelho</p> <p>Tempo de execução: 3 horas</p>
HERANÇA GENÉTICA (II)	<p>1. Contação da história;</p> <p>2. Discussão da história;</p> <p>3. Apresentação de vídeos.</p>	<p>Livro: <i>Menina bonita do laço de fita</i></p> <p>Slide com imagens</p> <p>Vídeo: <i>A linda menina negra</i> (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=45SWxvdG5lQ).</p> <p><i>Meninos de todas as cores – Varal de história</i> (https://www.youtube.com/watch?v=w_hrqcs6R8Pw).</p> <p>Tempo de execução: 2 h</p>
CULTURA AFRICANA	<p>1. Contação da história;</p> <p>2. Discussão da história;</p> <p>3. Apresentação de vídeos sobre a cultura africana (costumes, hábitos, tradições, danças);</p> <p>4. Apresentação de quatro músicas africanas;</p> <p>5. Exposição de imagens representativas da culinária típica africana e afro-brasileira;</p> <p>6. Exposição da biodiversidade do continente africano (biomas e animais);</p> <p>6. Atividade escrita: nomear animais da savana africana.</p>	<p>Livro: <i>O Cabelo de Lele</i> - Valéria Belém</p> <p>Vídeos/Músicas:</p> <p><i>Africa Massais</i> (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=L80L1F6LUM4).</p> <p><i>Traditional female and male Zulu Dancing</i> (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HxhhF_nHxIs).</p> <p><i>O Rei Leão</i> (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EOVp4tb5Fn0).</p> <p>Documentário – <i>Africa</i>, BBC, 2013 (Disponível na Netflix, com prévia em: https://www.bbc.com/shows/africa/)</p> <p>Tempo de execução: 3h</p>
CULTURA INDÍGENA	<p>1. Contação da história;</p> <p>2. Discussão da história;</p> <p>3. Apresentação de vídeos sobre a cultura indígena (costumes, hábitos, tradições, danças, tribos);</p> <p>4. Apresentação de quatro músicas infantis indígenas;</p>	<p>Livro: <i>Contos indígenas brasileiros</i> - Daniel Munduruku.</p> <p>Vídeo/Músicas:</p> <p><i>Nossos índios, nossas histórias</i> (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=64MISgBIr9A).</p>

	5. Exposição de imagens representando as ferramentas e objetos artísticos das tribos indígenas.	<i>Aquitã, o indiozinho</i> (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kxM0xIN8y8o) <i>O indiozinho – DóRéLá</i> (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jJa7Y6UgH8E). <i>Índio Beleza</i> (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vya4wuiO_ho). Slide com imagens Tempo de execução: 2h
DIVERSIDADE HUMANA	1. Contação da história; 2. Discussão da história; 3. Atividade extraclasse: identificação escrita das aprendizagens das aulas anteriores	Livro: <i>Minha família é colorida</i> – Georgina Martin Tempo de execução: 2h
IDENTIDADES E ALTERIDADES	1. Roda de conversa; 2. Construção de um mural estabelecendo princípios de respeito às diferenças e pluralidades; 3. Apresentação de música.	Música: <i>De toda cor</i> (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vya4wuiO_ho) Cartaz Tempo de execução: 3h

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação do projeto de intervenção pedagógica evidenciou a possibilidade de ações transformadoras nas relações étnicas e raciais a partir de uma perspectiva transversal e transdisciplinar dos conhecimentos científicos. Cada um dos eixos, planejados para fazer a integração entre os âmbitos biológico e cultural, permitiram que assuntos complexos, como os derivados dos campos Biologia Evolutiva e da Genética, pudessem ser trabalhados de forma bastante compreensível com os estudantes dos anos iniciais — ainda que, em sua essência, se trate de conteúdos que devem ter como foco as etapas finais da educação básica. A aprendizagem conceitual nestas áreas pôde ser validada pelos diálogos formativos estabelecidos no decorrer de todo o processo, que também serviram como suporte avaliativo.

A validade da adoção dos conteúdos utilizados, derivados de etapas mais avançadas para a execução de nossa temática, teve respaldo nas fundamentações da psicologia histórico-cultural. De acordo com Vygotsky (2008), as crianças (mesmo as pré-escolares) não diferem dos adolescentes e dos adultos pela maneira como compreendem os objetivos e abordam um problema, mas sim pela forma de pensamento que se utilizam para atingir esses objetivos, isto é, os caminhos utilizados para a resolução desses problemas. Nas palavras do autor:

Uma criança é capaz de apreender um problema e visualizar o objetivo que tal problema levanta, num estágio muito precoce do seu desenvolvimento. Como as tarefas levantadas pela compreensão e a comunicação são essencialmente semelhantes para a criança e o adulto, a criança desenvolve equivalentes funcionais dos conceitos numa idade extremamente precoce. Mas as formas de pensamento que utiliza ao defrontar-se com estas tarefas diferem profundamente das que o adulto emprega pela sua composição, pela sua estrutura e pelo seu modo de operação. (VYGOTSKY, 2008, p. 59).

Ademais, a articulação das diferentes áreas do conhecimento de forma contextualizada e transversal também teve um papel fundamental no processo de transposição didática realizado. Buscamos, portanto, fazer essa amálgama com o uso de diferentes conhecimentos para tratar uma temática que é uma das complexas de ser trabalhada na educação formal, isto é, as questões étnicas e raciais. A seguir apresentamos como se deu a integração desses conhecimentos de forma mais detalhada a nível procedimental.

Eixo 1 - Descendência Comum e Espécies

Esse eixo apresentou a trajetória filogenética dos grupos humanos mediante uma narrativa autoral escrita pelo autor, com o acompanhamento de slides organizados para dar a ambientação do texto oralizado. As crianças se mostraram muito interessadas e curiosas com a apresentação, trazendo um conjunto de questionamentos pertinentes, inclusive, contribuindo para colocar em debate a noção corriqueira bastante equivocada de que o homem descende diretamente do macaco — algo que não consta das evidências paleontológicas, uma vez que se trata do mero compartilhamento de um ancestral comum entre as espécies de símios (Pongídeos) e dos gêneros humano, e não de uma evolução linear entre esses diferentes grupos de animais. Com efeito, tal equívoco também é alvo marcante dos debates raciais, de onde se deriva a necessidade do esclarecimento de interpretações equivocadas como esta.

A priori, a reflexão sobre a origem e evolução da espécie humana pôde fazer a ligação entre uma série de conceitos fundamentais no tocante à comunidade global e a variedade de grupos humanos e étnicos que habitam o planeta. Discutimos o fato de todos os seres humanos terem uma descendência partilhada com as demais formas de vida terrestres, a nível genético (descendência comum), que pode ser evidenciado pela composição do material genético semelhante em todos os organismos vivos, indicando tal parentesco. Também destacamos o papel social do homem na transformação dos ambientes para a sobrevivência (transformação da natureza) e as etapas subsequentes de hominização, que envolve a produção da cultura e da sociedade, consequência deste processo de intervenção. A partir da dimensão transformadora do homem, os alunos puderam debater sobre a ação humana na fabricação das primeiras ferramentas e o desenvolvimento tecnológico cada vez mais complexo no decorrer do tempo.

Um último ponto desse eixo, com estreita relação ao conceito precedente, procurou discutir diferentes manifestações culturais humanas, que além de perpetuar as tradições, costumes e hábitos dentro de diferentes comunidades e sociedades, também culmina no legado educativo de ensino e aprendizagem entre adultos e crianças (DUARTE, 1998).

Este panorama torna explícito que, embora focado em um tópico bastante específico, como a evolução biológica, foi possível desmembrar os processos evolutivos em diferentes direções que não restringissem apenas ao nível biológico, mas que também considerasse as manifestações culturais, própria dos seres humanos. Embora a evolução cultural não faça parte do processo orgânico, ela também pode ser utilizada como parâmetro para a compreensão das diferentes culturas que surgiram ao longo da história humana, sob uma perspectiva dinâmica dos diferentes grupos que configuram o planeta. Essa posição, no entanto, foi adotada tendo como precaução os futuros equívocos conceituais da evolução cultural como parte da evolução biológica, como demonstrado por Bizzo (1991) e Chaves (1993).

Ao final da inserção, foi preparada uma atividade lúdica que buscou relacionar as diferentes ramificações dos gêneros humanos para que os estudantes pudessem compreender o processo de extinção no decorrer do tempo geológico. Atentos às colocações que Dodick e Orion (2003) fazem a respeito da dificuldade do entendimento do conceito de tempo geológico entre estudantes de diferentes faixas etárias — o que se complexifica ainda mais ao lidarmos com crianças de sete a oito anos — planejamos uma estratégia mediante a utilização de uma linha do tempo geológica, que pudesse indicar os diferentes estágios e condições pelas quais os diferentes gêneros humanos passaram e mostrar os prováveis processos envolvendo o mecanismo de seleção natural e demais causalidades não aleatórias que possivelmente conduziram à extinção de tais espécies.

Este primeiro eixo demarcou noções fundamentais da biologia evolutiva, que seriam aprofundadas nos eixos seguintes, como a dinâmica genotípica e ambiental, responsável por certos aspectos das características anatômicas humanas, bem como o desenvolvimento de seu meio sociocultural.

Eixo 2 –Herança Genética

O segundo eixo, fragmentado em duas inserções, contribuiu para as discussões do eixo precedente, aprofundando o processo evolutivo de nossa espécie, tendo em vista variáveis como o ambiente geográfico, a incidência solar, a influência climática, as variações genéticas; além de contribuir para o entendimento das características hereditárias que são mediadas pelas informações genéticas transmitidas por via parental.

Estes tópicos tiveram fundamental papel na análise da temática racial, haja visto que os fatores fenotípicos, tais como a pigmentação da pele configuradas pela melanina e outras causas ambientais, são bastantes marcantes no tratamento das questões raciais, seja a nível biológico — próprio das características manifestas de cada indivíduo em vista de seu reservatório gênico —, ou sociológico, como no caso do efeito social da cor no processo de discriminação e inferiorização entre diferentes grupos humanos, comumente chamado de colorismo.

Os diálogos sobre as tonalidades de pele propiciaram profundas reflexões, que ecoaram no relato de uma aluna negra sobre os diferentes tipos de colorações de pele de seus pais, um casal interracial. Relato esse bastante importante por possibilitar aos demais alunos aprofundarem a relação entre os conceitos trabalhados e a natureza dos fenômenos.

Por fim, a inserção foi finalizada com uma atividade de autoimagem por cada um dos estudantes com o uso da linha de lápis de cor “Caras e Cores”. Essa atividade teve um impacto imediato bastante positivo na aceitação dos traços e características físicas pessoais de cada uma das crianças.



Figura 1: Atividade de autoimagem

Eixo 3 – Cultura Africana e Afro-brasileira

Em relação à Cultura, uma atenção mais acentuada foi dada ao tratamento dos terceiros e quartos eixos (*Cultura Africana* e *Cultura Indígena*), ao centrar-se nos diferentes aspectos culturais, que já vinham sendo comentados desde o primeiro eixo quando fizemos destaque da ação humana na transformação do meio ambiente. A especificidade de ambos os eixos foi o foco direcionado às culturas marginalizadas historicamente dos diferentes povos africanos, às tradições estigmatizadas da população afro-brasileira e as manifestações culturais das distintas tribos indígenas.

No eixo *Cultura Africana* foram expostos uma série de vídeos que pudessem apresentar aspectos culturais de algumas tribos provenientes da África, como foi o caso da tribo Zulue do grupo étnico Massais. Os estudantes se mostraram curiosos e empolgados com as diferentes expressões artísticas dessas tribos, principalmente o movimento de suas danças e o ritmo de suas músicas. A singularidade de cada uma dessas expressões artísticas abriu espaço para o debate para a comparação dos variados estilos musicais e as coreografias com as músicas e danças nacionais.

Uma análise geográfica também foi realizada sobre a territorialidade do continente Africano. Para esse empreendimento, foram analisados as savanas e os ambientes africanos presentes no filme “O rei leão” com o documentário “África”, lançada em 2013 pela British Broadcasting Corporation (BBC), que revela um conjunto de biomas do continente em questão. A complementação destas atividades está destacada no Eixo 5, que buscou centrar-se no processo avaliativo dos conteúdos trabalhados.

Sem dúvida, a exposição cultural e geográfica do continente africano contribuiu para um olhar da África de uma forma totalmente distinta de como ela tem sido veiculada nos materiais didáticos e pelo senso comum. Procuramos mostrar aos estudantes a diversidade presente no continente, com seus ecossistemas e a biodiversidade endêmica; assim como as variadas expressões artísticas e culturais que compõe as diferentes tribos africanas. Os estudantes mostraram-se surpresos por conta do desconhecimento de alguns elementos e lugares e sentiram-se maravilhados com as deslumbrantes paisagens da África, como o Kalahari, o Congo e as Savanas africanas.

Em relação ao Brasil, demos atenção a alguns elementos da cultura negra conhecida por grande parte da população, mas, muitas vezes, subestimada ou menosprezada, como é o caso das religiões de matriz africana. Aspectos da culinária afro-brasileira também foram delineadas, principalmente as derivadas da região nordeste do país. Deste último aspecto, os estudantes dialogaram sobre alimentos que já haviam experimentado e outros que lhes incitaram o interesse em saborear em algum momento de suas vidas.

Eixo 4 – Cultura Indígena

Ao lado da cultura africana, demos ênfase aos elementos característicos da cultura indígena e suas respectivas etnias. O foco esteve na diversidade de povos indígenas, tal como listado pelo Instituto Socioambiental (2018) e em suas variadas produções tecnológicas e artísticas de acordo com seu modo de vida.

A esse respeito, foram apresentados, por meio de slides, objetos e ferramentas utilizados pelos povos indígenas no processo de subsistência e manifestação artística. Os estudantes puderam discutir sobre as pinturas corporais, as plumagens utilizadas como

adorno, objetos como cestarias de palha e arte em cerâmica, mas também elementos das danças e rituais.

A inserção terminou de forma bastante prazerosa, com a escuta de uma música indígena em flauta doce, e a exposição de cinco vídeos musicais em desenho sobre a cultura indígena.

Eixo 5 – Diversidade Humana

O sétimo eixo teve função avaliativa para verificar a aprendizagem instrumental dos estudantes quanto aos assuntos estudados. A atividade, com objetivo extraclasse, requereu a identificação escrita de certos instrumentos culturais, objetos e lugares apresentados nos eixos anteriores para que os estudantes pudessem distinguir cada cultura e suas especificidades.

O processo de alfabetização presente neste eixo não se dissociou da dimensão instrumental das diferentes áreas do conhecimento que foram sendo abordadas no decorrer de todo o trabalho. O resultado dessas atividades demonstrou o engajamento dos alunos com a execução do projeto, pois todos estavam atentos a cada um dos elementos expostos até então.

Sem dúvida, a alfabetização da língua materna deve estar indissociável da alfabetização científica (SANTOS, 2019) como buscamos propor com este projeto, e, como indica os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino fundamental de 1997,

Desde o início do processo de escolarização e alfabetização, os temas de natureza científica e técnica, por sua presença variada, podem ser de grande ajuda, por permitirem diferentes formas de expressão. Não se trata somente de ensinar a ler e escrever para que os alunos possam aprender Ciências, mas também de fazer usos das Ciências para que os alunos possam aprender a ler e a escrever (BRASIL, 1997, p. 62).

Portanto, como destacado pelo mesmo documento sobre essa questão:

O professor, considerando a multiplicidade de conhecimentos em jogo nas diferentes situações, pode tomar decisões a respeito de suas intervenções e da maneira como tratará os temas, de forma a propiciar aos alunos uma abordagem mais significativa e contextualizada (BRASIL, 1997, p. 44).

Eixo 6 – Identidades e Alteridades

Por fim, o sexto eixo, buscou-se vincular os conhecimentos instrumentais adquiridos no decorrer de todo o processo, com os conhecimentos atitudinais dos estudantes. Nesta etapa do projeto, o diálogo favoreceu uma abertura para diferentes pontos de vista entre as crianças, que externalizaram seus desconfortos e suas experiências a respeito de processos excludentes e discriminatórios. Em amplo consenso, foi decidido a construção de mural com alguns pontos de reflexão sobre atitudes não desejadas que pudessem causar desconforto e que deveriam ser combatidas e evitadas por todos os alunos. Entre algumas dessas regras, podemos citar as mais pertinentes, como as de: “Tratar todos os colegas da sala de forma não discriminatória”, “Respeitar o jeito de ser diferente de todas as pessoas” e “Não aceitar qualquer atitude racista”.

A construção dessas regras baseou-se em um longo diálogo feito a respeito da igualdade de diferenças, que consistem no direito que cada pessoa tem de ser diferente, em todos os aspectos de sua vida, sejam eles culturais, tais como a opção por diferentes doutrinas e crenças religiosas, gostos musicais, alimentares, até às diferenças propriamente anatômicas, tais como tipo de cabelo, cor de pele, biotipo corporal, entre outros.

O tratamento das questões axiológicas de forma coletiva partiu do entendimento de que, se a construção subjetiva pressupõe a interação com as demais pessoas, e a identidade só se constrói a partir da alteridade, não se pode negar a intersubjetividade na construção da identidade e na reflexão das diferenças (D'ADESKY, 2001). Braga, Mello e Paula (2017, p. 186-187), a esse respeito, assinalam que “estar no mundo e com os outros significa colocar-se num processo de comunicação e intercomunicação, que implica a compreensão do mundo”. Essa intercomunicação envolve o diálogo intersubjetivo para a transformação do mundo e de nossas perspectivas sobre ele e as pessoas que o compõem.

Neste sentido, olhar para os diferentes âmbitos que constituem o humano, sob uma abordagem dialógica e ética é fundamental porque a própria diferença também é um componente de nosso processo de humanização (GOMES, 2005; FREIRE, 2014). O papel do professor, neste sentido, é o de se deslocar em sentido contrário aos processos de desumanização e exclusão que tanto incidem nas relações entre diferentes, principalmente no âmbito da escolarização.

Os estereótipos dos próprios professores contra a identidade negra e indígena, por exemplo, podem tanto contribuir para a sua desnaturalização, quanto para reforçar o caráter excludente e racista presente na própria estrutura da sociedade. Gomes (2005) enfatiza que

A própria estrutura da escola brasileira, do modo como é pensada e realizada, exclui o aluno e a aluna negros e pobres. Essa exclusão concretiza-se de maneiras diversas: por meio da forma como alunos e alunas negros são tratados; pela ausência ou pela presença superficial da discussão da questão racial no interior da escola; pela não-existência dessa discussão nos cursos e centros de formação de professores/as; pela baixa expectativa dos professores/as em relação a esse aluno/a; pela desconsideração de que o tempo de trabalho já faz parte da vida do aluno/a negro/a e pobre; pela exigência de ritmos médios de aprendizagem, que elegem um padrão ideal de aluno a ser seguido por todos a partir de critérios ditados pela classe média branca, pelo mercado e pelo vestibular, sem considerar a produção individual do aluno e da aluna negra, assim como de alunos de outros segmentos étnicos/raciais (GOMES, 2005, p. 41).

Portanto, pela possibilidade da perspectiva intersubjetiva, dialógica e positiva das questões étnicas e raciais, em reconhecer o racismo estrutural da sociedade brasileira, mas viabilizar medidas para transformação das relações sociais, podemos desenvolver práticas, como as do presente projeto, na tentativa de se trabalhar, tanto os conhecimentos instrumentais, essenciais para a igualdade de resultados de todos e de todas as estudantes, quanto os conhecimentos atitudinais, isto é, os valores éticos dos estudantes no tratamento com a diferença e com a diversidade baseados no princípio de igualdade na diferença, para a melhoria da convivência.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação (2013) enfatizam exatamente nesta mesma direção a necessidade de construção de formas de sociabilidade e de subjetividade que rompam com as relações de dominação étnico-racial. E é por este caminho que devemos trilhar para uma educação antirracista e contra-hegemônica no interior das salas de aula e no ambiente escolar de uma forma geral.

4. CONCLUSÃO

Ainda que tenhamos em vista um objetivo bastante específico com as ações aqui descritas visando trabalhar conhecimentos instrumentais e atitudinais sobre as questões étnicas e raciais com crianças, reconhecemos que, tanto a compreensão dos conhecimentos biológicos como o próprio processo de valorização das culturas e da raça, são processuais e permanentes, pois baseiam-se em fatores estruturais e históricos que permeiam toda a sociedade e todos os indivíduos.

Não há dúvida de que a escola também é um veículo para que o preconceito e a discriminação estrutural da sociedade sejam reproduzidos pela socialização e pelos equívocos dos conhecimentos científicos veiculados pelas diferentes fontes de informação de nossa atual sociedade. Como afirma Gomes (2005), a escola pode tanto valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e, até mesmo, negá-las. Portanto, temos a possibilidade de inversão de tais experiências o mais precocemente para que as crianças possam crescer tendo outros parâmetros, principalmente valores não racistas e, sobretudo, antirracistas.

Sabendo que os valores e representações da escola apresentam um grande peso na constituição da subjetividade de cada indivíduo, é de extrema importância ter uma atenção mais profunda às formas de socialização, pois as práticas excludentes são as responsáveis pelo fato de muitos alunos e alunas, inclusive negros e indígenas, introjetarem e reforçarem o racismo e o preconceito racial contra indivíduos de seus próprios grupos de pertencimento.

Cabe a nós, enquanto educadores, desnaturalizar as desigualdades raciais como um dos caminhos para a construção de uma representação positiva sobre as minorias discriminadas, e elaborar uma pedagogia da diversidade e antirracista.

5. AGRADECIMENTOS

Deixo aqui meus agradecimentos à Universidade Federal de São Carlos por me possibilitar experienciar diferentes vivências nos estágios docentes supervisionados e, principalmente, à professora regente, Wuendy Fernanda Cardili, que permitiu a realização do projeto em sua sala junto com a sua turma de crianças do primeiro ano do ensino fundamental.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bizzo, N. M. V. (1991). *Ensino de evolução e história do darwinismo* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Braga, F. M., de Mello, R. R., & de Paula, L. C. (2017). A transformação da educação dentro do atual contexto. *Interacções*, 13(46), 185-207.
- Chaves, S. N. (1993). *Evolução de idéias e idéias de evolução: a evolução dos seres vivos na ótica de aluno e professor de biologia do ensino secundário*. Mestrado em Psicologia Educacional)-Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, SP.
- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica* (2013). Diretoria de Currículos e Educação Integral. - Brasília: MEC, SEB, DICEI. Recuperado de http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1344

8-diretrizes-curiculares-nacionais-2013-pdf&category_slug=junho-2013-pdf&Itemid=30192.

Lei nº 9.394, de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm.

D'adesky, J. (2001). *Pluralismo étnico e multiculturalismo: Racismos e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas.

Dodick, J.; Orion, N. (2003). Cognitive factors affecting student understanding of geologic time. *Journal of Research in Science Teaching*, 40(4), 415-442.

Duarte, N. (1998). Relações entre ontologia e epistemologia e a reflexão filosófica sobre o trabalho educativo. *Perspectiva*, 16(29), 99-116. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10579>.

Freire, P. (2014). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Editora Paz e Terra.

Instituto Socioambiental. (2018). Quadro Geral dos Povos. Recuperado de https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro_Geral_dos_Povos.

Gomes, N. L. (2005). Educação e Identidade negra. In A. M. B. Brito; M.M. Santana; R. L. L. S. Correia. (Org.). *Kulé-Kulé: educação e identidade negra*. (1a ed., p. 8-17) Maceió: EDUFAL.

Santos, W. R. (2019). A relação entre a alfabetização científica e o processo de leitura e escrita. *Anais do III Encontro de Ensino de Leitura e Escrita Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 3*. Recuperado de <https://failuploads.s3.amazonaws.com/1/others/e11f8e10cf5888d843362a8b2eb563cf99381e8b.pdf>.

Vygotsky, L. S. (2008). *Pensamento e linguagem* (Vol. 4). São Paulo: Martins Fontes.